



## Entre Goethe e Hitler: o *Diário de guerra* de João Guimarães Rosa

### *Between Goethe and Hitler: João Guimarães Rosa's War Diary*

Georg Otte

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil  
georg.otte@uol.com.br

**Resumo:** O *Diário de guerra*, título provisório das anotações feitas por João Guimarães Rosa durante o período em que exerceu o cargo de vice-cônsul na Alemanha, demonstra, mesmo se de forma incipiente, o distanciamento consciente que mantinha em relação às ações bélicas dos primeiros anos da Segunda Guerra. Esse distanciamento não se explica apenas por sua posição de diplomata, mas resulta de uma aversão profunda contra a violação da dignidade humana, cometida em nome da ideologia nazista. Rosa foge das questões políticas e prefere se interessar por fenômenos naturais encontrados na Alemanha, mas não hesita em mostrar sua revolta quando o nazismo fere seus princípios humanistas – cuja defesa não deixa de ser política.

**Palavras-chave:** João Guimarães Rosa; *Diário de guerra*; Alemanha nazista.

**Abstract:** The *Diário de Guerra* (War Diary), a provisional title of the notes made by João Guimarães Rosa during the period in which he served as Vice-Consul in Germany, demonstrates, even in an incipient way, the conscious distance he maintained in relation to the battles of the first years of the Second War. This distance cannot only be explained by his position as a diplomat, but as a result of a profound aversion against the violation of human dignity committed in the name of Nazi ideology. Rosa avoids political questions and prefers to study the natural phenomena he detects in Germany, but he does not hesitate to show his revolt when Nazism hurts his humanistic principles, whose defense is still political

**Keywords:** João Guimarães Rosa; *War diary*; Nazi Germany.

*Se todo animal inspira ternura,  
o que houve, então, com os homens?*

João Guimarães Rosa

*Para Berthold Zilly, sertanejo de Berlim.*

Quando João Guimarães Rosa, numa anotação do dia 20 de março de 1940, comenta uma apresentação do *Fausto* com um breve “Heil Goethe!”, parodiando assim a saudação nazista “Heil Hitler!”, ele concentra em duas palavras todas as ambivalências e hesitações que marcam sua estada na Alemanha, quando exercia o cargo de cônsul adjunto no consulado brasileiro de Hamburgo.

O comentário lapidar de Rosa é, sem dúvida, uma das pérolas do seu *Diário de guerra*, que contém anotações feitas de agosto de 1939 a janeiro de 1942 e cuja publicação está impedida até o presente momento por uma questão de direitos autorais.<sup>1</sup> Prevaecem registros sobre acontecimentos militares da Segunda Guerra Mundial, tais como alarmes aéreos e bombardeios. Assim, os horários precisos dos alertas são cuidadosamente registrados e, ocasionalmente, há também relatos sobre os estragos causados. No entanto, apesar da predominância de anotações feitas, provavelmente, a mando da Embaixada Brasileira ou do próprio Itamaraty, o *Diário* é inaugurado por outra pérola, a saber, um comentário relativamente longo sobre Machado de Assis, datado em 15 de agosto de 1939. Desta vez, porém, o tom não é de reverência, mas de crítica, pois culmina na rejeição do autor brasileiro: “Bem, basta. Chega de Machado de Assis” (ROSA, 2006). Tudo indica que se trata de uma tentativa de “matar o pai” na busca de uma escrita própria. Não sabemos, portanto, qual foi a função original do caderno utilizado, mas, pelo espaço utilizado, o caráter profissional – “prosaico”, por assim dizer – predomina.

---

<sup>1</sup> O *Diário* foi objeto de um projeto de pesquisa dentro do Projeto Integrado de Pesquisa *Acervo de Escritores Mineiros*, apoiado pelo CNPq e coordenado pelo Centro de Estudos Literários da UFMG, sob a direção do professor Wander Melo Miranda. Participei da organização do *Diário* junto à professora Maria Eneida de Souza e ao professor Reinaldo Martiniano Marques. As citações se referem, portanto, ao manuscrito elaborado. Nas citações, há referências a desenhos que acompanham as anotações, marcadas por /.../.

O *Diário* cobre a primeira metade dos anos de Guerra, em que as forças aliadas apenas começaram a reagir às agressões da Alemanha nazista. Rosa vê e escuta o relampejar e o trovejar das explosões com os próprios sentidos, mas quase sempre de uma distância segura, já que os ataques da Força Aérea Real britânica se limitam, pelo menos nesses primeiros anos, a alvos de relevância estratégica como, por exemplo, o porto e a estação ferroviária de Hamburgo. Mesmo não sendo sem risco para a população, que tinha que procurar os abrigos a cada alarme registrado, as ações dos aliados – os Estados Unidos declararam guerra à Alemanha somente em dezembro de 1941 – ainda estavam longe do inferno da Operação Gomorra, de julho de 1943, quando as bombas incendiárias dos aliados visavam diretamente alvos civis.

Cabe lembrar, nesse contexto, que o governo brasileiro de Getúlio Vargas hesitava bastante em declarar guerra à Alemanha, uma vez que apoiava, de forma mais ou menos explícita, as potências do Eixo. Somente com o aumento de ataques a embarcações brasileiras por submarinos alemães e italianos e com a pressão diplomática dos Estados Unidos, o Brasil acabou declarando guerra em 22 de agosto de 1942 (cf. SCHOSSLER, 2015). Em consequência dessa virada política, Rosa teve que passar quatro meses em prisão domiciliar, até ser trocado por diplomatas alemães presos no Brasil.

A distância pré-estabelecida pela posição profissional, no entanto, é reforçada por um mal-estar que tem raízes de ordem pessoal: “germanófilo apaixonado” (cf. BRITO, 2017), Rosa se recusa a considerar a Alemanha de Hitler como representativa pela Alemanha em geral e dá vazão à sua revolta trocando a saudação nazista por uma reverência a Goethe, o único *Führer* que aceita. Ao contrário de partes importantes do governo brasileiro, ele não deixa dúvidas quanto à sua repulsa em relação ao nazismo. Se sua contribuição para a salvação de judeus perseguidos pelo Terceiro Reich é amplamente documentada,<sup>2</sup> o *Diário* não apresenta qualquer alusão a essas ações – nem teria como apresentar, para não colocar em risco os envolvidos e, sobretudo, os próprios judeus.

Mas não faltam elementos que revelam um posicionamento diametralmente oposto ao nazismo. Assim, por exemplo, Rosa chama os pilotos da Força Aérea Real britânica de *brave fellows* (“rapazes valentes”) quando atacam pontos estratégicos no porto de Hamburgo. E

---

<sup>2</sup> Cf. o documentário *Outro Sertão*, de Soraia Vilela e Adriana Jacobsen, lançado em 2013.

quando a imprensa alemã acusa os mesmos pilotos de terem destruído, ao atacar o porto, os bens de judeus refugiados, Rosa “se esquece” de sua neutralidade diplomática e não se contém a fazer outro comentário lapidar: à maneira do “Heil Goethe!”, exclama, à margem do artigo recortado, “Mentira! Foi leilão”. A revolta contra um sistema desumano derruba as barreiras impostas pelo ofício e se transforma numa postura rebelde também contra a disciplina diplomática. Não se trata de se posicionar, politicamente, a favor ou contra o nazismo, mas contra qualquer política que cometa “crimes contra a humanidade”, para usar o termo jurídico oficial, criado no contexto dos processos de Nuremberg, isto é, do julgamento dos líderes nazistas.

Rosa, porém, não questiona apenas a “má política” e não deixa dúvidas quanto ao seu desprezo em relação à política em geral. Interpelado por Günter Lorenz, em sua famosa entrevista na ocasião do Congresso de escritores latino-americanos em Gênova no ano de 1965, por que teria deixado o auditório, Rosa responde: “não abandonei a sala em sinal de protesto contra o fato de estarem discutindo política [...]. Saí simplesmente porque achei monótono” (LORENZ, 1973, p. 318). Trocando a questão do compromisso político do escritor pelo “compromisso do coração” (LORENZ, 1973, p. 341), isto é, com o homem em geral, ele explica:

JGR:

– A política é desumana porque dá ao homem o mesmo valor que uma vírgula em uma conta. Eu não sou um homem político, justamente porque amo o homem. Deveríamos abolir a política.

Günter Lorenz:

– Foi isto que em Hamburgo levou você a se arriscar perigosamente, arrebatando judeus das mãos da Gestapo?

JGR:

– Foi alguma coisa assim, mas havia também algo diferente: um diplomata é um sonhador e por isso pude exercer bem essa profissão. O diplomata acredita que pode remediar o que os políticos arruinaram. Por isso agi daquela forma e não de outra. E também por isso mesmo gosto muito de ser diplomata. E agora o que houve em Hamburgo é preciso acrescentar mais alguma coisa. Eu, o homem do sertão, não posso presenciar injustiças. No sertão, num caso desses imediatamente a gente saca o revólver, e lá isso não era possível (LORENZ, 1973, p. 333-334).

Se “lá” não era possível sacar o revólver, restou o “revólver verbal” para atirar contra os inimigos da humanidade, inclusive contra aqueles políticos que se omitiram face à perseguição dos judeus e outras minorias. Daí a justificativa de ter escolhido a profissão de diplomata, que não quer trabalhar a serviço da política, mas “acredita que pode remediar o que os políticos arruinaram”. Pode-se supor que foi a própria estreiteza do ofício que o levou a usar o *Diário*, pelo menos ocasionalmente, como válvula de escape.

Levando em consideração que as ações bélicas nesses primeiros anos da Segunda Guerra Mundial ainda estavam limitadas e não absorveram toda a atenção de Rosa, ele facilmente deixa de lado os aspectos profissionais para dirigir o foco às consequências indiretas da Guerra para seu âmbito pessoal. Embora o bombardeio do depósito de combustível no porto seja espetacular, ele reserva ao aspecto estratégico da falta de combustível muito menos espaço do que aos seus efeitos indiretos para as circunstâncias imediatas de sua vida. Rosa não procura ser um repórter de guerra, mas se preocupa com a descrição da vida cotidiana, sendo que esta descrição ganha por sua vez um aspecto político por questionar as reportagens oficiais de uma imprensa censurada: Rosa anexou mais de 50 notícias de jornal ao *Diário*, das quais mais que a metade tratam de acontecimentos da Guerra e que são redigidas no tom da propaganda nazista, minimizando os estragos causados pelos “piratas aéreos britânicos” e enaltecendo os sucessos das tropas alemãs.

Mas, mesmo no caso das notícias de jornais, evidencia-se o caráter duplo do *Diário* enquanto documento pessoal e profissional: quase a metade dos recortes diz respeito a questões da natureza e tinha como objetivo popularizar conhecimentos científicos. Ao lado das notícias sobre ataques aéreos, encontra-se uma série de artigos sobre curiosidades da natureza, que, para o brasileiro Guimarães Rosa, certamente eram ainda um pouco mais curiosas – para não dizer exóticas – do que para o morador do hemisfério Norte. Assim, ele mostra um interesse descomunal num artigo relativamente grande, reportando o caso de um casal de cegonhas que “perdeu a hora” de migrar para o Sul. Em um texto não menos longo, o observatório de Hamburgo faz um relato sobre as particularidades do céu estrelado do mês. O interesse por fenômenos da natureza, portanto, é grande e só é superado pelo interesse em questões linguísticas, inclusive nos nomes de plantas e animais e suas variantes.

O leitor de Rosa conhece esse interesse de suas obras, nas quais determinadas árvores e arbustos com seus nomes indígenas se

transformaram em alegorias para a vida no Sertão, como, por exemplo, no caso do buriti. Em Hamburgo também, ele se dedica à botânica, sendo que, na falta de tempo e meios de fazer aquilo que os alemães chamam de “botanizar” (*botanisieren*), isto é, de colher e prensar folhas, é a coleção dos nomes das plantas e de suas variantes populares que substitui a coleção de amostras reais. Rosa mostra pouco interesse pelos nomes científicos, de maneira que suas enumerações se transformam numa mistura de sintaxe portuguesa e léxico alemão. Embora formado em medicina e acostumado com descrições exatas, a linguagem científica parece ser demasiadamente prosaica para despertar seu interesse. A seguinte passagem pode servir como exemplo da combinatória linguística do português com o alemão:

Cada aldeia com o seu *Dorfteich*,<sup>3</sup> de água com superfície (face verde), limosa, parada.

Caminho orlado de *Eberesch*<sup>4</sup> – dos dois lados; *Eberesch* com cachos de frutinhas rubras, no meio da folhagem verde – como cafezais maduros, ou bandeiras italianas. *Vogelbeere*,<sup>5</sup> chamam-se as frutinhas (ROSA, 2006).

Rosa não considera as plantas apenas como objetos de estudo, mas como parte de um contexto cultural. Suas reflexões sobre os nomes populares dessas plantas mostram que não existe “a natureza”, mas um imaginário *cultural* sobre a natureza, sendo que o ato “adâmico” de dar nomes é o primeiro passo em direção à apropriação da natureza por determinada cultura. Rosa não chega a ser um Adão, mas encontra plantas diferentes e saboreia seus nomes alemães, que, evidentemente, são novos para ele. Seu notório interesse por línguas estrangeiras e seu domínio de um número considerável delas se explica, pelo menos em parte, por essa vontade de vivenciar a palavra em todo seu frescor “edênico”. Nada mais apropriado para isso do que o idílico *Dorfteich*, expressão (intraduzível) de uma vida comunitária.

Perguntado sobre as peculiaridades de sua linguagem literária, marcada pelo uso de neologismos, Rosa responde falando sobre seu “método que implica na utilização e cada palavra como se ela tivesse

<sup>3</sup> Composto de *Dorf*, “aldeia”, e *Teich*, “pequeno lago” ou “açude”. O *Dorfteich* (“laguinho de aldeia”) servia, dentre outras finalidades, de reservatório de água para o combate a incêndios.

<sup>4</sup> Nome de árvore com o nome botânico *Sorbus aucuparia*.

<sup>5</sup> Literalmente: “fruta de pássaro”.

acabado de nascer” (LORENZ, 1973, p. 338). Na mesma resposta, faz referência à sua predileção pelo português medieval, que, apesar de ser antigo, é *novo* para a grande maioria dos seus leitores, motivo pelo qual é taxado de autor “difícil”. Rosa, entretanto, rejeita a ideia de estar “inventando” palavras em sua criação literária, pois se serve de um repertório pré-existente, seja ele de outro país, seja de outra época, como no caso do português arcaico, muitas vezes mais bem conservado nas colônias do que na metrópole. As palavras estrangeiras e antigas possuem frescor, pois Rosa as “refresca” quando as retira do seu contexto original e lhes confere vida nova em sua literatura.

Se o novo pode despertar tanto interesse quanto rejeição nas pessoas, Rosa certamente pertence à primeira categoria, mesmo porque sabe que, de acordo com Eclesiastes 1:9, “nada é novo debaixo do sol”. Com base no seu humanismo universal, ele sabe que aquilo que poderia ser qualificado como estranho, isto é, como novo numa acepção negativa, é familiar a outras pessoas. É o cosmopolitismo humanista que deixa Rosa confiante na possibilidade de assimilar “a diferença” sem extingui-la; muito pelo contrário: o estudo de línguas estrangeiras é uma maneira de “praticar a diferença” – uma prática que muitos teóricos da *différance* não dominam.

Não é apenas o “olhar adâmico” para os nomes estrangeiros ou arcaicos que permite a aproximação de Rosa ao pensamento de Walter Benjamin, inclusive à sua filosofia da linguagem. Não se trata apenas de utilizar “cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer”, mas, conforme expõe na continuação da frase já citada, de “limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la a seu sentido original” (LORENZ, 1973, p. 338). Para Benjamin, o uso instrumental, isto é, comunicativo da linguagem, faz parte do “pecado original”, porque a palavra é degradada à função de veicular algo que lhe é externa:

Esse é realmente o pecado original do espírito linguístico. A palavra que comunica do exterior, expressamente mediada, é de certa forma uma paródia da palavra imediata, da palavra criadora de Deus; é também a queda do espírito adâmico, do espírito linguístico bem-aventurado, que se encontra entre ambos (BENJAMIN, 2011, p. 67).<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Cabe observar que as referências teológicas de Benjamin são de caráter meramente alegórico.

Evidentemente, para os dois autores, não se trata de qualquer tipo de purismo, uma vez que as “impurezas” são resultado de um uso irrefletido da linguagem e da sua instrumentalização. A comunicação, enquanto transmissão de informações, reduz a palavra à sua função de signo arbitrário e descontextualizado, ao contrário do uso “motivado” literário da palavra, isto é, criteriosamente escolhido. Quando Rosa reflete sobre uma palavra alemã, ele reflete ao mesmo tempo sobre os motivos do seu uso, sua origem e seu contexto cultural. Partindo da certeza dessa ambientação cultural, a palavra estrangeira deixa de ser estranha e acaba enriquecendo o repertório do nosso autor.

Rosa confiava no “saber, que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição” (BENJAMIN, 1985, p. 202). Como no caso do narrador benjaminiano, as distâncias são superáveis porque esse saber distante é moldado em narrativas que sempre carregam consigo as circunstâncias em que foram contadas. Essa

forma artesanal de comunicação [...] não está interessada em transmitir o puro “em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1985, p. 205).

É essa marca das circunstâncias, do contexto humano, que faz com que as narrativas de continentes distantes ou de tempos remotos não sofram qualquer tipo de rejeição. Muito pelo contrário: despertam interesse por ampliarem e enriquecerem o horizonte humano em que a diversidade confirma a universalidade. É o universal que não resulta na redução da diferença a um denominador comum, mas, para ficar na matemática, na complementação de um múltiplo comum. Trata-se de uma dialética entre o familiar e o não familiar, que cria uma distância em relação ao mundo conhecido mediante a aproximação ao desconhecido.

Cabe lembrar que Benjamin, que escreveu seu ensaio sobre o narrador poucos anos antes de Rosa fazer as anotações no seu *Diário*, parte do pressuposto de esse narrador já não existir mais porque a Primeira Guerra Mundial teria acabado com a possibilidade de trocar experiências. Rosa, que teve o “azar” de chegar à Alemanha nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, se nega a aceitá-la como acontecimento

incisivo, como se estivesse apostando no seu fim – o que explicaria seu apoio aos pilotos da Força Aérea Real britânica. Quando diz a Günter Lorenz “Não, não sou romancista; sou um contista de contos críticos” (LORENZ, 1973, p. 326), Rosa não deixa dúvidas quanto à sua opção pela narrativa de *caráter* oral – à maneira de Nicolai Leskov, que serve de modelo para Benjamin.

Sabemos que a Segunda Guerra não foi motivo suficiente para Rosa desistir de escrever narrativas, hoje consideradas antológicas. É verdade que ele não fez parte dos “combatentes [que] voltavam mudos do campo de batalha” (BENJAMIN, 1985, p. 198), conforme o título (provisório), *Diário de guerra*, sugere. Rosa não fecha os olhos à Guerra, como mostram suas manifestações de indignação, mas também não deixa que ela o afete pessoalmente. Se, de acordo com a famosa frase de Clausewitz, “a guerra é a continuação da política por outros meios”, a aversão de Rosa contra a política chega aqui ao seu auge. Duas de suas armas de defesa, sua blindagem, para ficar na imagem da guerra, são os animais e as plantas, ou seja, a natureza.

É, no mínimo, curiosa a resposta que Rosa dá quando Lorenz aborda a questão da salvação dos judeus pela primeira vez:

Lorenz:

Gostaria de concluir que todos esses assuntos enumerados tiveram grande importância em sua vida: a diplomacia, os cavalos, as religiões, os idiomas. Você goza também de uma fama legendária: dizem que você domina muitos idiomas, e que aprendeu alguns deles apenas para poder ler um determinado autor em sua versão original. Sabe-se também que como diplomata e exercendo as funções de cônsul geral do Brasil em Hamburgo, você provocou Hitler fora das normas da diplomacia, e salvou a vida de muitos judeus...

JGR:

Tudo isso é verdade, mas não se esqueça de meus cavalos e de minhas vacas. As vacas e os cavalos são seres maravilhosos (LORENZ, 1973, p. 323).

As reticências do original indicam que Rosa não deixou que Lorenz articulasse uma pergunta mais precisa a respeito da salvação dos judeus. Ao invés disso, surpreende seu interlocutor – e os leitores de hoje – falando de vacas e cavalos como “seres maravilhosos”. Entre os

assuntos propostos, que dizem respeito às conquistas pessoais no âmbito cultural e à façanha de ter salvado, junto com sua futura mulher Aracy,<sup>7</sup> um número considerável de judeus, Rosa escolhe o mais próximo da natureza, isto é, os animais. As “riquezas acumuladas”, mesmo sendo de ordem cultural, parecem causar uma espécie de cansaço em Rosa, que, como sugere sua famosa cavalgada de 1952 (cf. PEIXOTO, 2015) – e também a nossa epígrafe –, descansava na companhia dos animais. Quando responde à pergunta pelos judeus perseguidos falando em vacas e cavalos, certamente não se trata de comparar seres humanos a animais, mas de trocar a guerra pela paz.

A oposição entre guerra e paz se reflete também na diferença entre os dois tipos de recorte de jornal colecionados por Rosa. Para ele, as páginas de jornal com informações científicas, preparadas para um leitorado leigo, são como ilhas nas quais ele descansa do noticiário da guerra e de sua apresentação sensacionalista conforme as diretrizes da propaganda nazista. Essas páginas “sem censura” são mais um motivo para deixar a distância profissional do diplomata de lado. Prova disso é que as notícias sobre a natureza compõem quase a metade dos recortes colecionados, não deixando dúvida quanto à curiosidade peculiar de Rosa pelos fenômenos da natureza.

A mistura de interesses privados e profissionais não seria notável se não fosse o desejo de dar uma forma própria de encenar – ou até de dramatizar – as anotações. Se estas possuem o caráter telegráfico próprio de um diário, elas se tornam, às vezes, particularmente intermitentes de acordo com a dramaticidade da situação: “Bombas: vi a luz branca, terrível, dos trabalhos de dessoterramento, na *Hagemannstraße* e na *Dantzigerstraße*. Medonho. Estava de auto, com Ara. Havia um incêndio, na *Hauptbahnhof*” (ROSA, 2006).

A tensão dramática é intensificada, e ao mesmo tempo suavizada, quando, imediatamente depois de relatar o ataque, o olhar é dirigido para um gato: “Um gato zangado: Pêlo fica como uma escova. A cauda fica como a cauda de uma raposa” (ROSA, 2006). Mais uma vez, o olhar é desviado dos estragos causados pelas bombas para se concentrar nos

---

<sup>7</sup> Sobre Aracy Moebius Carvalho Guimarães Rosa, mencionada com o apelido de “Ara” no *Diário*, e sua importância para a salvação dos judeus perseguidos pelo nazismo, cf. NUZZI, 2014.

animais e nas plantas, cujas particularidades parecem atrair o interesse de Rosa mais do que os referidos estragos. A nota de 16 de maio de 1940 diz:

Fui, com Ara, a Harburg e à *Repperbahn*, para ver os estragos das bombas e da *Flak*.

As cerejeiras floridas – flores alvas, em toalhas e véus. E as velas /**ver desenho**/ brancas das castanheiras.

Vimos a caserna; o buraco da bomba, na praça. A árvore parcialmente descascada; etc., etc. Mas não vimos a (fábrica) de óleo. As casas destruídas. Os caminhões, com soldados, evacuando os moradores vizinhos.

A *Flak* hamburguesa fracassou completamente: os *dandys* fizeram o que quiseram.

No caminho, vi um ninho de cegonhas: macho e fêmea deitados juntos, dentro. O dia esteve bonito, levemente quente com o sol, mas friozinho à tarde. Lindos verdes, claros, nos bosques (Harburg) e na *Moorweide*. Céu azul-sem-escândalo. Os balões (*Sperrballonen*) em Harburg, à beira do Elbe.

O luar continua. Virão hoje os *boys*<sup>8</sup> da R.A.F.<sup>9</sup>

O “etc.” repetido sugere que há outros estragos que Rosa não teve tempo – ou vontade – de listar, mas também aponta para a possibilidade de elaborar as anotações numa outra ocasião, porém, não como relato informativo, mas como descrição encenada do conflito entre uma natureza pacífica e a destruição causada pela guerra. A natureza como “palco da guerra” é um cenário no qual a natureza não apenas representa o segundo plano, mas é a instância que “suporta” tacitamente a guerra, mesmo se as árvores sofrem alguns arranhões. Guerra vai, guerra vem, a natureza continua a mesma. É o segundo plano que sobrevive.

Outro registro de 2 de maio de 1940, pelo visto durante uma estada em Berlim:

Hoje, ao sair da casa do C.[ônsul] Geral, às 10 e meia, vi os holofotes. Céu estrelado. Noite escura na terra e clara no céu. Dois holofotes imóveis – cones cruzados. E um terceiro, pendulando num ângulo invariável, corria, para lá e para cá, batendo meio céu e desrespeitando uma porção de constelações. Os aviões ingleses têm vindo a Berlim todos estes 4 dias.

---

<sup>8</sup> “Meninos”, aqui provavelmente designação dos soldados ingleses.

<sup>9</sup> Royal Air Force (Força Aérea Inglesa).

(Um avião foi alvejado – ou colhido pelo refletor (holofote) justamente a dois milímetros da  $\alpha$  do Centauro, entre a Ursa-Menor e o galho mais alto (a copa) do olmo de defronte minha casa – M%).

Esta tarde, o crepúsculo foi mais rosa e mais claro (ROSA, 2006).

A localização do avião entre uma constelação e “o galho mais alto [...] do olmo de defronte da minha casa” mostra que Rosa não apenas dispõe de coordenadas privadas, e que ele não apenas registra sua visão particular das coisas, mas que, falando do céu estrelado, insere os acontecimentos num pano de fundo maior e mais abrangente. Tanto no sentido literal quanto no sentido figurado, o céu noturno está acima da guerra, que, apesar da violência dos combates, acaba sendo relativizada. De maneira alguma, Rosa fecha os olhos aos fatos, mas, quando interrompe a visita aos estragos causados pela guerra por observações sobre a natureza ou do céu estrelado, ele sinaliza a recusa de conceder à guerra a atenção exclusiva.

O sinal “M%”, que marca frequentemente as anotações do *Diário* e que também aparece na passagem citada, provavelmente servia como sinal para marcar anotações feitas com um certo impulso estético, que chamamos aqui de “encenações”. Seja o que for, não há dúvida de que essas passagens se destacam dos registros feitos em português padrão para relatar os “fatos relevantes”. Pelo visto, Rosa não queria se limitar ao uso da linguagem sóbria de um membro do corpo diplomático e passou a procurar uma expressividade esteticamente mais adequada. Se essas passagens, à primeira vista, podem ser consideradas como esforços de um escritor iniciante ou até como estetização de uma realidade marcada pela violência, uma análise mais aprofundada revela que elas representam a recusa de aceitar a realidade da Guerra como definitiva e de restringir-se à sua descrição objetiva. A partir dessa “estética da resistência”, fica mais fácil entender por que Rosa, mesmo ao descrever as ações bélicas, desenvolve uma criatividade própria em relação à linguagem usada. Ao invés de deixar que os acontecimentos ditem suas anotações, Rosa, graças às criações de linguagem, mantém uma distância que relativiza a importância dessas ações e lhes opõe um modo de ver próprio. Não se trata, portanto, de uma retirada à privacidade, mas do paradoxo de qualquer processo literário, no qual a expressão individualizada alcança um grau maior de veracidade, envolvendo o leitor de forma mais direta e afetiva nos acontecimentos relatados.

Essa afetividade é reforçada ainda mais nas ocasiões em que Rosa é confrontado com o antissemitismo do regime. Se a já mencionada falsa notícia sobre a suposta destruição dos pertences dos judeus provoca o comentário indignado, ele comenta outra notícia, de 20 de setembro de 1941, recortada de algum jornal, sobre a obrigação da identificação dos judeus com um comentário mais reservado, porém não menos impressionante:

Ontem começou a obrigação do distintivo na roupa dos judeus. / **desenhos da Estrela de Davi, com a inscrição “judeu” em um deles - ver/**

Hoje, à tarde, vi o primeiro: um rapazola, simpático, de *Knickerbocker*, dando o braço a um cego (distintivo de cego, no braço) (ROSA, 2006).

Chama a atenção a linguagem objetiva com que Rosa descreve a cena. Mas, nesse caso, a objetividade não resulta de uma ética profissional do tipo jornalístico, que manda ater-se “apenas aos fatos”. O tom frio do relato parece ser intencional, pois se choca com a simpatia do “rapazola” e seu gesto humano de dar o braço a um cego. Na continuação, o recorte que reproduz o decreto entra em minúcias jurídicas sobre os chamados “matrimônios mistos” e das consequências para os filhos que surgissem deles. Essa regulamentação minuciosa das autoridades, aparentemente preocupadas com o destino desses filhos, encobre o racismo real do nazismo e até passa a impressão de ser guiada por considerações humanitárias. Pelo visto, Rosa não se deixa enganar e insiste em desmascarar o racismo camuflado pelas minúcias burocráticas. São as observações pessoais da vida cotidiana que desmentem a normalidade sugerida pela imprensa e a desvendam como parte de um sistema de terror.

Cabe atentar, ainda, para a repetição da palavra “distintivo”. É pouco provável que essa repetição seja casual numa observação articulada com um certo grau de elaboração estética. Mas, independentemente da questão da intencionalidade, ela cria um paralelo entre o menino judeu e o cego que permite ao leitor várias interpretações, sendo uma delas a equiparação do judeu a um “deficiente físico”, para usar a denominação antiga (que não deixava de ser depreciativa também). Ambos eram considerados, na ideologia nazista, como pessoas “deficientes” e, conseqüentemente, alvos de alguma forma de exclusão, que, pelo menos no caso dos judeus, acabou em extermínio. Mais uma vez, Rosa consegue causar revolta com poucas palavras.

O regime nazista não se afirmava apenas através de suas manifestações de ódio por parte de seus líderes, mas também através do trabalho minucioso de uma imprensa que divulgava as medidas de uma burocracia repressora. A transformação do terror em regulamentações detalhadas conferia, pelo próprio detalhismo, um caráter mais ameno ao totalitarismo, que se escondia debaixo da máscara do cumprimento do dever. Assim, Rosa recorre ao regulamento de uma piscina para literalmente encenar uma situação, pois a cena que descreve possui tudo para se transformar em idílio:

Passei hoje, com Ara, à tarde. Fomos pela beira do Alster. Num recanto da margem, perto da *Lombardsbrücke*, para o lado de cá (da minha casa), vi uma praiazinha para crianças. Pequenininha enseada, protegida, de um lado, por um pernambuco de pedra, ganho pelas ondas do lado, que vão e vêm por entre as pedras, convertendo-o em cachoeira. Marrecos flutuam, dando o peito redondo ao ímpeto em miniatura das ondas, ou mergulhando as cabeças. A 2 metros da terra, uma tela, firme em estacas. Os garotos podem nadar ali dentro. Há um quadrado, espécie de vasto caixão de areia, para os garotos brincarem. Perto, os salgueiros-chorões. Ondazinhas vêm lambe a praia de brinquedo. E... mas... para estragar toda a mansa poesia do lugar: arvoraram, num poste, uma taboletazinha amarela: “Lugar de brinquedo para crianças arianas”... (ROSA, 2006).

Para Rosa, não basta ser informado sobre a discriminação e a perseguição dos judeus. Por isso, desenha aos poucos uma cena para destruir de forma mais eficiente a impressão de uma convivência pacífica. A irrupção de um regulamento antissemita num aparente idílio, que, além de tudo, faz parte do mundo das crianças, constrói mais uma vez o inconcebível que os jornais procuram transformar em norma e em normalidade. Em oposição ao noticiário oficial, onde as leis criadas pelo nazismo são esmiuçadas até se tornarem irreconhecíveis, os detalhes criados por Rosa fazem parte de uma estratégia que evidencia o terror do nazismo ao extremo.

Por mais incipientes que sejam, as encenações verbais do *Diário*, muitas vezes acompanhadas por desenhos, elas não demonstram a fuga da realidade de um escritor em início de carreira, mas em busca da potencialização estética dessa realidade mediante a linguagem. Entre as afinidades de Rosa com Walter Benjamin, já analisadas por teóricos

como Davi Arrigucci Jr. e Willi Bolle (cf. LAGES, 2002, p. 150, nota 14), poderíamos acrescentar aquela do colecionador. Faz parte da atividade deste “que o objeto seja desligado de todas as suas funções primitivas” (BENJAMIN, 2006, p. 239). À maneira dos recortes de jornal, que ganham uma importância própria ao entrarem na “coleção” de Rosa, as palavras são desligadas “de todas as suas funções primitivas”, isto é, comunicativas, para serem reencenadas em outro contexto. O próprio *Diário* é o lugar dessa coleção, assim como todo diário de escritor, uma vez que sua função consiste em “desligar” as palavras do seu uso cotidiano.

## Referências

- BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 165-196. (Obras escolhidas v. 1)
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 165-196. (Obras escolhidas v. 1)
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Organização de Willi Bolle. Tradução do alemão de Irene Aron e tradução do francês de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- BENJAMIN, W. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011. p. 49-73.
- BRITO, J. B. de. “Outro sertão” ou A lista de Guimarães Rosa. *Imagens Amadas*, 29 maio 2017. Disponível em: <<https://imagensamadas.com/2017/05/29/outro-sertao-ou-a-lista-de-guimaraes-rosa/>>. Acesso em: 30 maio 2018.

LAGES, S. K. As asas da interpretação: notas sobre os anjos em Walter Benjamin e Guimarães Rosa. In: \_\_\_\_\_. *João Guimarães Rosa e a saudade*. São Paulo, Ateliê Editorial; FAPESP, 2002. p. 137-150.

LORENZ, G. *Diálogo com a América Latina*: panorama de uma literatura do futuro. Tradução de Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo, EPU, 1973.

NUZZI, V. Na Alemanha, Guimarães Rosa conheceu o anjo Aracy. *Rede Brasil Atual*, n. 102, 14 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/102/na-alemanha-joao-guimaraes-rosa-conheceu-aracy-7339.html>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

OUTRO Sertão. Direção: Soraia Vilela e Adriana Jacobsen. Brasil, 2013. Documentário (73 min.).

PEIXOTO, M. Guimarães Rosa acompanhou boiadeiros pelos sertões das Gerais em expedição de 1952. *Portal Uai*, 10 jul 2015. Disponível em: <[www.uai.com.br/app/noticia/pensar/2015/07/10/noticiapensars-,169477/guimaraes-rosa-acompanhou-boiadeiros-pelos-sertoos-das-gerais-em-exped.shtml](http://www.uai.com.br/app/noticia/pensar/2015/07/10/noticiapensars-,169477/guimaraes-rosa-acompanhou-boiadeiros-pelos-sertoos-das-gerais-em-exped.shtml)> Acesso em: 20 jun. 2018.

ROSA, J. G. *Diário de guerra*. Manuscrito organizado por Eneida Maria de Souza, Georg Otte e Reinaldo Marques. Belo Horizonte, 2006. Não publicado.

SCHOSSLER, A. Brasil relutou até entrar na guerra ao lado dos Aliados. *Deutsche Welle*, 6 maio 2015. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/brasil-relutou-até-entrar-na-guerra-ao-lado-dos-aliados/a-18426613>>. Acesso em: 30 maio 2018.

Recebido em: 4 de julho de 2018

Aprovado em: 6 de agosto de 2018